

A propósito da tradução medieval portuguesa de *Li fet des romains*

Maria Helena Mira Mateus

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MATEUS, MHM. A propósito da tradução medieval portuguesa de *Li fet des romains*. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 202-212. ISBN 978-85-232-1185-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

A propósito da tradução medieval portuguesa de *Li fet des romains**

Maria Helena Mira Mateus

UNIVERSIDADE DE LISBOA

* Este texto contém uma parte apreciável de uma conferência que apresentei há alguns anos em Paris.

Um as palavras de amizade

O texto que escolhi para homenagear a Professora Jacyra Mota desenvolve-se em torno de uma obra com que convivi durante largos anos e que me exigiu um trabalho filigranado de rigor e paciência. Escolhi-o porque a sua realização me ajudou a admirar o cuidado posto no estudo minucioso da língua e no interesse pela gente que a fala, apanágio de uma dialectóloga e sociolinguista com a competência de Jacyra Mota. Estou segura que ela continuará a disseminar, por muitas e alheias terras e junto dos que se interessam pela língua portuguesa, o conhecimento que adquiriu no seu convívio longo e afectuoso com os dialectos do português brasileiro.

203

O texto

Trabalhar durante muitos anos sobre um texto que descreve a vida e a personalidade de Júlio César provocou-me uma espécie de admiração amorosa por esse homem que era ao mesmo tempo um ditador frio e um amante apaixonado, um escritor criterioso e um manipulador de opiniões, um político astuto e um magnífico orador. Refiro-me a “Li fet des romains” a obra francesa do século XIII que foi traduzida em português durante a primeira metade do século XV com o nome de *Vida e feitos de Júlio César*. A história deste manuscrito é hoje ainda um mistério, e o seu autor, um desconhecido. Sabe-se que o manuscrito pertencia à biblioteca de um neto de D. João I, o Condestável D. Pedro, que foi rei de Aragão durante alguns anos.

A sua biblioteca foi inventariada na época da sua morte, em 1466, e a descrição de uma obra intitulada *Suetonyo de vida de Júlio César* permite identificá-la como sendo o manuscrito da *Vida e feitos de Júlio César* que hoje se encontra no Escorial e da qual publiquei uma edição crítica há mais de vinte anos (MATEUS, 1970).¹ Esse manuscrito atravessou 500 anos e trouxe até nós o conhecimento, não só dos interesses culturais da época, mas também de aspectos menos divulgados da língua portuguesa do século XV em virtude dos campos semânticos que integra e, portanto, de um vocabulário diversificado que se distribui por numerosos domínios lexicográficos.

¹ Cf. também Mateus, 1968, 1983. A segunda edição da *Vida e feitos de Júlio César* encontra-se no prelo.

A riquíssima personalidade de Júlio César — na minha opinião, uma das personagens mais notáveis de todos os tempos — levou-o a entregar-se a múltiplas actividades que foram descritas pelos biógrafos e estão presentes na obra a que me reporto. Mas neste drama outras personagens tomam parte além de César: Pompeu e a sua mulher Cornélia, Catão e a sua mulher Márcia, a bela Cleópatra, os valentes generais romanos, os intrépidos guerreiros gauleses, os conselheiros do ditador Júlio César, as mulheres que ele amou.

Uma análise lexicográfica, ainda que superficial, permite-nos descobrir conjuntos de termos que merecem uma referência especial. Alguns são importações directas do francês (como *deessa*, *varlete*, *crido* e *cridar* ‘crier’, *adreiro* ‘adroit’, *lix* do francês ‘lis’, um engenho de guerra, *tortua* ‘tortue, tartaruga’). Outros são verdadeiras invenções decorrentes de uma má interpretação do que estava escrito no manuscrito original (*tirqui* que traduz *tousique*, uma espécie de veneno; *dipse* em lugar de *aspe*, uma serpente; *bulgues* por *busfles*, búfalo). Outros termos ainda, os mais interessantes, não estão atestados nos dicionários e pode considerar-se que não sobreviveram. Tomemos como exemplo *conhocente* em lugar de ‘conhecido’, *cortadura* em vez de ‘corte’, *emburilhar* por ‘embrulhar’, *descerdo* em vez de ‘sem cerco’, *antreconhecer-se* em lugar de ‘conhecer-se reciprocamente’, *ducor* por ‘doçura’.

Acrescente-se que certas palavras que surgem na *Vida e feitos* são referidas nos dicionários como tendo sido integradas na língua portuguesa numa época posterior ao século XV. Veja-se *arteria*, *entanguecer*, *fumigar*, *desalojar*, *dureza*, *lagrimejar*, *lica*, *minar*, *moonstro*, *multiplicador*, *nervudo*, palavras a que se atribui o século XVI como data da primeira atestação nos dicionários etimológicos.

O conhecimento profundo das duas línguas que possuía o tradutor permitiu-lhe utilizar um vocabulário específico para cada domínio semântico.

A guerra está omnipresente em dois terços da obra. Não é de estranhar, portanto, que se encontrem múltiplos seguintes termos para denominar os engenhos de guerra: *aguilhões*, *andaimos*, *arcos*, *artifícios*, *beestas*, *bisarmas*, *brandões d’ enxufre*, *caramanchões*, *cepos*, *dardos*, *engenhos*, *escalas*, *escorpiom*, *espadas*, *estacas*, *fachas*, *fogo grego*, *fortelezas*, *fouces*, *rocadoiras*, *frechas*, *fundas*, *gatas*, *lanças*, *lix*, *macos*, *moos*, *palanque*, *pedra*, *picões d’aceiro*, *seetas*, *torre*, *vaivem*, *viga*, *viratões* e porventura ainda outros. E, para descrever uma realidade inteiramente diferente, as serpentes que aterrorizaram os soldados

de Catão durante a sua travessia do deserto, encontram-se palavras conhecidas como *escorpiões*, *basaliscos*, *coobras*, *serpentes* e *dragões*, outras menos conhecidas como *jaculus*, *aspes* e *sepes* e outras simplesmente fantasiosas como *chiluidres* (*chelydrus*), *asibenes* (*amphibènes*) ou *esmoris* (*haemorrhoids*).

Antes de iniciar o tratamento de um assunto um pouco mais árido — algumas observações sobre o vocalismo português do século XV —, não resisto à tentação de transcrever a comovedora descrição da separação de Pompeu e da sua mulher Cornélia antes da partida do general para a batalha de Farsália. É sem dúvida um belo diálogo de amor conjugal, mas transmite, sobretudo, a tristeza do adeus, uma fugaz esperança de um futuro encontro e, ao mesmo tempo, a premonição da derrota e da morte.

[...] E hũa noite jaziam na cama e Cornelia abraçou seu marido e quise-o beijar. E, quando ajuntou a sua face com a de seu marido, sentio que as lagrimas lhe corriam dos olhos; empero nom lhe ousou preguntar por quê. Empero bem cuidou que ele nom tiinha o coração aa sua vontade.

— Boa irmã — disse Pompeo — o dia vem em que nos convem departir e viver alongados ataa que a batalha seja feita. E eu hei tanto tardado que Cesar me tem em pouco, e a mim parece muito quando me hei a partir de ti. E eu cuidoo mais ligeiramente vencer Cesar, agora que ele tem toda sua gente, que da primeira que nom tiinha mais que hũa parte. Mais o teu amor me detiinha e agora te enviarei a Mitelena, onde estês segura, e nom me rogues por ficar que assim convem que seja. Tu serás longe de mim polas aventuras que podem viinr. Fortuna torna asinha hũu alto homem de alto a baixo, e nom convem que tu vejas meu perigoo; e, se o ouvires sem o veer, bem te podes sofrer.

Eu vejo que tu nom me amas se te nom afastas de ouvir meu nojo. E, aalem desto, vergonha he que nós somos acerca da batalha e eu dormo cada noite com minha molher. [...]

Quando ela ouviu estas novas ouviu tam grande pesar que pasmou. E des que tornou em seu acordo, disse:

— Oo Pompeo, eu vejo bem como esto he. Eu nom me devo queixar dos deoses nem de fortuna, ca eles nom me partem de ti; mais tu meesmo me departes e eu de ti me queixo! A morte nos devia departir; tu nos departes na vida. Ora som eu a mais desaventurada que nenhũa outra. Nom he custume que os pobres homens levem suas molheres em batalha; e tu me queres leixar, fazendo de ti pobre. E se nós nos partimos assi, Cesar, nosso imiigo, será muito ledoo.

Cuidas tu que eu poderei seer segura em quanto tu estiveres em perigoo? Nom praz a Deus. Nom sabes tu que nossa morte e nossa vida pende em hũu fio? Se tu has bem, eu averei bem, e assi polo contrario.

Cuidas tu que, se tu morreres, que eu queira mais viver? Deus me guarde. Eu te seguirei em quanto viveres e doutra guisa nom me convem viver, que ja mais nom averei prazer depois que tu morreres. [...]

Hũa cousa te rogo, em fim: que, se fores vencido, que nom fugas pera honde eu estiver, ca hi te devem buscar com razom. Eu nom queria seer cajam de teu perigoo.

E depois que disse esto, saio da cama como molher fora de siso e disse que se hiria muito contra sua voontade; e nom quis sofrer que Pompeo a abraçasse nem beijasse. E começaram ambos a chorar tanto que apenas podia dizer hũu ao outro: “A Deus vos acomendo”. Nunca virom tam triste dia em toda sua vida como aquele. Todalas outras tristezas passadas lhe esquecerom por aquela.

A gente de Pompeo a levou nos braços ataa naao, ca ela nom se podia teer. E nom lhe pesou tanto quando leixou sua terra, com medo de Cesar, por que levava consigo Pompeo.

Aquela noite primeira dormio soo e sentio mui grande pena, como quem o nom avia em custume. Sospirava e acordava ameude e lançava os braços cuidando a abraçar sua senhor, e achava o leito vazio. Quando lhe nembrava ficava muito triste e leixava-lhe sua parte, assi como se ela ali jouvesse, com esperança de a recobrar.

(*Vida e feitos de Júlio César*, III, 10, § 18–20.)

As vogais

A contribuição que a *Vida e feitos de Júlio César* pode trazer para o estabelecimento do sistema vocálico da língua portuguesa no século XV deve-se à extensão da obra e à alternância da representação gráfica das vogais em diferentes ocorrências da mesma palavra, alternância que torna possíveis certas observações sobre a fonologia da língua. O objectivo da presente análise é simplesmente descritivo e não pretende reportar-se a uma teoria fonológica. Os dados foram colhidos no glossário exaustivo da obra, realizado a partir do texto editado, e cujas letras A-S foram publicadas no *Boletim de Filologia* (MATEUS, 1974–1988).² Considero conveniente introduzir aqui algumas notas relativas às normas de transcrição adoptadas na edição crítica do texto e que têm interesse para a presente análise:

- conservei as duplas grafias de todas as vogais, quer etimológicas quer não etimológicas;

² O terceiro volume da segunda edição da *Vida e feitos de Júlio César* (no prelo) é constituído pelo glossário agora completo.

- introduzi alguns diacríticos para marcar a sílaba acentuada, quando a palavra podia confundir-se com uma sua homógrafa, nomeadamente nas formas verbais de Futuro vs. Mais-que-Perfeito;
- mantive o til do manuscrito como indicação de nasalidade sobre duas vogais, embora graficamente apenas se sobreponha a uma delas (*romãao, hũa*); nos outros casos substituí-o por *m* ou *n* segundo as regras da ortografia actual e normalizei, segundo as mesmas regras, a utilização destas duas consoantes; em fim de palavra a nasalidade está indicada por *m* quando há um til sobre uma única vogal.³

As vogais átonas

A história das vogais átonas da língua portuguesa do século XV deu lugar a uma extensa bibliografia, podendo mesmo dizer-se que a discussão ainda não terminou sobretudo no que respeita a *e* e *o* tanto em posição medial como final.

Thomas Hart (1955) e Herculano de Carvalho (1962, 1984), apoiados em argumentos que tomam em conta principalmente as variedades dialectais e os crioulos de base portuguesa, afirmaram que, no fim de palavra, os fonemas /e/ e /o/ eram realizados como [i] e [u] “mais ou menos bem definidos”. Herculano de Carvalho fala de uma certa oscilação entre as vogais [e, i] e as vogais [o, u], e acrescenta que esta oscilação poderia ter causas dialectais ou idiolectais.

A ortografia é um meio, entre outros, que permite o estudo da pronúncia, mesmo que se aceite a afirmação de Herculano de Carvalho sobre a preocupação do escritor (muitas vezes, copista) em seguir a sua própria doutrina (as regras da ortografia). Esta preocupação levou H. de Carvalho a considerar que as letras *e* e *o* representavam as realizações [i] e [u] átonos finais de *alface* e *ensino*, enquanto *i* e *u* serviam para representar as acentuadas [í] e [ú] de *tiro* e *fujo*.

Opinião diferente têm Révah (1959) e Naro (1971, 1973), como o faz notar Ana Maria Martins (1985). Estes autores afirmam que, no século XVI, as átonas finais seriam pronunciadas como [e] e [o]. Ainda que estes autores se apoiem sobre dados da geografia linguística e sobre descrições de gramáticos, as con-

³ Todas as substituições efectuadas estão exemplificadas em outros pontos do manuscrito.

clusões de Révah foram contestadas por Herculano de Carvalho, e as de Naro, por Ana Maria Martins.

A alternância de grafias que se encontra em textos como a *Vida e feitos de Júlio César* podem servir como apoio para reforçar os argumentos apresentados pelos vários linguistas. Com o fim de contribuir para um novo estudo da questão, fiz um levantamento, no glossário do texto, de todas as duplas grafias que dizem respeito às vogais átonas, correspondendo às letras *e*, *i*, *o*, *u*. Começemos pelas vogais finais.

Como acontece nos textos da mesma época, não há alternância entre as letras *e* / *i* precedidas de consoante e em posição final, ou seja, ou se utiliza o *e*, ou, para certas formas verbais, usa-se o *i*. Pelo contrário, com numerosas palavras terminadas em *o*, verifica-se uma alternância. Assim, encontra-se *muitus* a par de *muito*, *spiritus*, *regnus* (plural) e *terramotus*. Parece-me difícil de admitir que uma grafia com *u* final represente a vogal média [o], mesmo que se trate de uma vogal muito fechada, visto que isso permitiria atribuir excepcionalmente a este grafema um valor fonético, dado que a grafia tradicional para representar o [u] átono, mantida até ao presente, é um *o*.

Poderíamos simplesmente questionar-nos, como faz Ana Maria Martins (1985), sobre a causa da enorme preponderância das grafias *o* e *e* para as respectivas vogais átonas, nos textos portugueses desde o século XIII até aos nossos dias.

Em posição medial, entre consoantes, o texto da *Vida e feitos* apresenta também numerosas grafias duplas para as átonas *o* e *u*. Vejamos os seguintes exemplos: *emborilhar/emburilhar*, *dovidoso/duvidoso*, *bolir/bulir*, *escorpiom/escurpiom*, *comprir/cumprir*, *escoridade/escuridade*, *encoberto/encuberto*, *cobrir/cubrir* (e *cuberto*, *cubertor*, *cubertura*), *costume/custume* (e *custumado*, *custumadamente*), *descobrir/descubrir*, *fogir/fugir*, *floresta/fruesta*, *sopitaneamente/supitaneamente*, *sobitamente/subitamente*, *sogeijom/subjeijom*, *sobir/subir*, *sojugar/sujugar*.

Poder-se-ia deduzir desta oscilação que a pronúncia da vogal era já tão fechada que não se distinguiam os [u] etimológicos dos não etimológicos como sucede hoje em português europeu? Seria explicável assim a grafia *o* em palavras como *sospirar* ou *sosteer* em que o [u] é etimológico? Em todo o caso os dados das variedades brasileira e africana da língua portuguesa, no que diz respeito às vogais átonas não finais, tornam difícil acreditar que no século XV

o grafema *o*, nos exemplos apresentados, correspondesse a um claro [u] como no português europeu.

A oscilação entre *e* e *i* interconsonânticos é muito visível, embora não ocorra em final de palavra. Os exemplos são numerosos, e este texto apenas acrescenta alguns dados a factos que são bem conhecidos dos historiadores da língua. Eis os que inventariei numa primeira aproximação: *adevinhador/adivinhador*, *estrebeira/estribeira*, *apaceficar/apacificar*, *arteficio/artificio*, *carneceiro/carniceiro*, *celiarce/ciliarce* (magistrado), *dezer/dizer*, *fegura/figura*, *degnidade/dignidade*, *deleitoso/dileitoso*, *dereito/direito*, *derribado/dirribado*, *guarnecido/guarnicido*, *devisado/divisado* (mostrado), *edeficios/hedifícios*, *especial/especial*, *testemunho/testimunho*, *trencheira/trincheira*, *vestidura/vistidura*, *virtude/virtude*, *vever/viver*, *reter/retinir*, *segnificançã/significançã*, *sesudo/sisudo*, *predestinar/predistinar*, *princepe/principe*, *preguiçoso/priguiçoso*, *pretoraira/pritoraira* (do pretor).

A análise da ocorrência de *e* / *i* em contexto de vogal merece uma outra observação: enquanto para *u* / *o* não há dupla grafia, *e* e *i*, representando a semivogal de um ditongo, alternam em *adeante/adiante*, *geolho/giolho*, *deessa/diesa*, *pretesia/preitesia* (pacto), *queexume/queixume*, *feiticeiro/feiticeiro*. Mais interessante ainda é a grafia *ei* para representar o ditongo [ei] das formas verbais da segunda pessoa do plural, como em *devieeis*, *deverieeis*, *poderieeis*, *querieeis*, *fazieeis*, *terrieeis*, *fosseeis*, a par de outras formas em que o ditongo é representado por dois *ee*: *tinhees*, *trabalhees*, *trabalharees*, *vencerees*, *veriees*. A letra *i* que toma o lugar da semivogal está em perfeita contradição com a normalização aconselhada por Fernão de Oliveira. Segundo este gramático,

[...] em lugar de *i* pequeno serve *e* pequeno, como *memorea*, *hostea*, *necessareo*, *reverencea*, nas penúltimas das quaes partes e outras semelhantes eu nunca escreveria com *i* senão *e*, porque eu tenho que a penúltima pura ou última qualquer que se escreve com *i* sempre tem o acento da dição (OLIVEIRA, 1536 [1933, p.54]).

Conquanto este conselho se refira à sílaba final, compreende-se que Oliveira reservava o *i* para a sílaba tónica.

A propósito da segunda pessoa do plural, deve notar-se ainda que, se Williams (1938 [1961]) encontrou umas vinte formas com *d* intervocálico num texto do início do século XV, apesar da sua convicção de que a consoante já

não seria pronunciada nessa época, na *Vida e feitos de Júlio César* este *d* desapareceu completamente nas formas verbais. Mas se os ditongos que resultam da sequência de duas vogais etimológicas deixam o seu rasto na ortografia, a ditongação que destrói o hiato provocado pela queda de uma consoante entre duas vogais não se encontra ainda marcada graficamente. É o que sucede em *aldea, area, aveia, cadea, feamente, correa*.

A alternância entre *e* / *o* em que o *o* substitui o *e* etimológico em palavras como *dozoito* (em vez de *dezoito*) é claramente uma assimilação provocada pelo facto de a sílaba que contém o *e* preceder (ou seguir) uma outra com um *o*. Este é o caso de *empeçoentado/empoçoentado, conhecer/conhocer, conhecimento/conhecimento, sepultura/sopultura, preposito/proposito, profundo/profundo*.

Uma última nota relativa à regularização das categorias gramaticais que está em curso durante o século XV: certas palavras masculinas terminadas em *e* têm uma grafia alternante com *o*, o que, creio, é um caso raro nos textos contemporâneos. Veja-se as seguintes formas: *combate/combatu, debate/debatu, ediles/edilos, talente/talento, patrice/patricio*.

As vogais nasais

No que respeita às nasais, a alternância gráfica entre *am* e *om* em sílaba final, acentuada ou átona, encontra-se ao longo de todo o texto e incide quer sobre as formas nominais, quer sobre as formas verbais — à excepção das terceiras pessoas do plural do Presente e do Imperfeito do Indicativo que terminam sempre por *am*. Eis alguns exemplos: *cajam/cajom, caramancham/caramanchom, centuriam/centuriom, tendilham/tendilhom, senam/senom, dom/dam, dragom/dragam, entom/entam*, e também *salvaçom, solorgiam, padrom, procissom, pendom, pregom, perdom, aguilhom, alçapam, coraçom, perderom* (Pretérito Perfeito e Mais-que-Perfeito)/*perderom* (Futuro), *morreram, partiram, poderam*.

A par destas formas, existem outras em que o ditongo nasal é marcado pelo til. Trata-se, no entanto, exclusivamente de sílabas acentuadas em que a vogal é representada por um duplo grafema seguido por outro grafema vocálico que pode ser interpretado como a semivogal, tanto mais que se considera que a formação destes ditongos ocorreu durante o século XIV e no início do século XV. A alternância entre *ãao* e *õoe* é visível como em muitos textos da época: *anciãao, degraãao, pagãao, vãao, verãao, vilãao, sãao, serãao, sezãao*,

vermilhidãoe, servidãoe, regidãoe (rigidez), *veações* (actividades de caça), *torvões, picões, peões*.

Conclusão

Não existem sobre estes assuntos conclusões definitivas. O que pode fazer-se — o que tentei fazer — é acrescentar alguns dados a partir da escrita para reforçar os argumentos dos autores que se dedicaram a tratar a forma como se falava no tempo em que ainda não existiam gravadores que registassem a fala, e tudo passava através do texto escrito. Quero também render a minha homenagem a esses longínquos copistas que nos transmitiram, a seu modo, a constante dialéctica entre variação e normalização que é algo que se encontra no coração de todas as línguas vivas.

Referências

- CARVALHO, J. Herculano de. Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona. *Revista Portuguesa de Filologia*, v.12, p.17-39, 1962. (Reeditado em *Estudos Linguísticos*. 2.ed. Coimbra: Coimbra, 1984. p.77-103).
- HART JR., Thomas. Notes on sixteenth-century Portuguese pronunciation. *Word*, v.11, n.3, p.404-415, 1955.
- MARTINS, Ana Maria. *Elementos para um comentário lingüístico do Testamento de D. Afonso II (1214)*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1985. Não publicado.
- MATEUS, Maria Helena Mira. La traduction portugaise inédite de Li Fet des Romains. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA ROMÁNICAS, 11., 1965, Madrid. *Actas...* Madrid: Revista de Filología Española, 1968. v.2, p.765-775.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Vida e feitos de Júlio César*. Edição crítica da tradução portuguesa quatrocentista de “Li fet des romains”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. (segunda edição no prelo).
- MATEUS, Maria Helena Mira. Uma fonte francesa da cultura portuguesa no século XV. In: COLÓQUIO RAPPORTS CULTURELS ET LITTÉRAIRES ENTRE LE PORTUGAL ET LA FRANCE, 1982, Paris. *Actes...* Paris: Fondation Calouste Gulbenkian-Centre Culturel Portugais, 1983. p.59-65.

MATEUS, M. H. Mira. Glossário da *Vida e feitos de Júlio César* (Letras A a S). *Boletim de Filologia*, v.23-32, 1974-1988.

NARO, A. On the history of *e* and *o* in Portuguese: a study in linguistic drift. *Language*, Nova Iorque, v.47, p.615-645, 1971.

NARO, A. A história do *e* e do *o* em português - um estudo de deriva linguística. Tradução por L. Campos & K. Santos. In: _____. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973. p.9-51.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa. 3.ed. por R. de Sá Nogueira. Lisboa: José Fernandes Júnior, 1933 [1536].

RÉVAH, I. S. Comment et jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais des XVIe.-XVIIe. siècles? COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 3. *Actas...* Lisboa, 1959. v.1, p.261-272.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução por A. Houaiss. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961 [1938]. Tradução de *From Latin to Portuguese: historical phonology and morphology of the Portuguese language*.